O império Bizantino foi um império formado por várias nações da Eurásia como continuação do império Romano do Oriente durante o fim da Antiguidade Tardia e a Idade Média, a partir do século IV, depois da tomada do império Romano do Ocidente pelas invasões bárbaras.

A história desse império se inicia com a dinastia de Constantino I, que mudou a sede do Império para sua recem-fundada cidade Constantinopla no ano de 330. O principal motivo para essa mudança repentina foram os constantes ataques bárbaros ao lado Ocidental do Império Romano.

Sob o domínio de Constantino I, Roma teve grandes mudanças, sendo as principais a popularização do cristianismo e a valorização da moeda, que levou o Império a se tornar próspero novamente e, consequentemente, a re-estruturar seu exército.

O estado do império até os anos de 400 pode ser descrito em termos do resultado do trabalho de Constantino. O princípio dinástico foi estabelecido tão firmemente que o imperador que morreu naquele ano, Teodósio I, deixou o cargo imperial em conjunto para seus filhos: Arcádio no Oriente e Flávio Honório no Ocidente. Teodósio foi o último imperador a governar o Império Romano único.

O império do Oriente foi poupado das dificuldades enfrentadas pelo Ocidente nos séculos III e IV, em parte devido a uma cultura mais urbana e mais recursos financeiros que lhe permitiu aplacar invasões com tributos e o pagamento de mercenários estrangeiros. Teodósio II fortaleceu as muralhas de Constantinopla, construindo o Muro de Teodósio (408-413),deixando a cidade imune a maioria dos ataques. Os muros não foram violados até 1204. A fim de afastar os hunos, Teodósio prestava-lhes tributos.

O sucessor de Teodósio, Marciano, se recusou a continuar a pagar essa quantia exorbitante.Por essa altura, no entanto, Átila já havia desviado sua atenção para o Império Romano do Ocidente. Após sua morte em 453, seu império desmoronou e Constantinopla iniciou um relacionamento rentável com os hunos restantes, que acabaram lutando como mercenários do exército bizantino.

Após a queda de Átila, o Império do Oriente viveu um período de paz, enquanto o Império Romano do Ocidente continuou sua lenta agonía (seu fim é geralmente datado em 476, quando o general romano-germânico Odoacro depôs o imperador titular do ocidente Rômulo Augusto).

A partir do ano de 533 os Bizantinos começaram seu processo de expansão, principalmente para retomar a área ocidental do antigo Estado Romano. As conquistas ocidentais começaram com Justiniano enviando seu general Belisário para recuperar a antiga província da África Proconsular dos vândalos, que tinha estado no controle deles desde 429 com sua capital em Cartago. Seu sucesso veio com uma facilidade surpreendente, mas apenas em 548 as tribos locais foram subjugadas. Na Itália dos ostrogodos, a morte de Teodorico, o Grande, seu sobrinho e herdeiro Atalarico, e sua filha Amalasunta havia deixado seu assassino Teodato no trono, apesar de sua autoridade enfraquecida. Em 535, uma pequena expedição bizantina na Sicília foi cumprida com fácil sucesso, mas os godos logo endureceram a sua resistência e a vitória não veio até 540, quando Belisário capturou Ravena, após o cerco de sucesso de Nápoles e Roma.

Os ostrogodos unidos sob o comando do rei Totila capturaram Roma em 17 de dezembro de 546. Justiniano, mais tarde, chamou Belisário de volta para Constantinopla no início de 549 de Ravena. A chegada do eunuco armênio Narses na Itália (final de 551) com um exército de cerca de 35.000 homens marcou outra mudança na sorte gótica. Totila foi derrotado na Batalha de Busta Gallorum e seu sucessor, Teia, foi derrotado na Batalha de Mons Lactarius (outubro de 552). Apesar da resistência contínua a partir de algumas guarnições góticas e duas invasões subsequentes pelos francos e alamanos, a guerra na península Itálica estava no fim. Em 551, Atanagildo, um nobre visigodo da Hispânia procurou a ajuda de Justiniano em uma rebelião contra o rei, e o imperador enviou uma força sob Libério, um comandante militar de sucesso. O império bizantino manteve uma pequena fatia do litoral da Espanha até o reinado de Heráclio.

No leste, as Guerras romano-persas prosseguiram até 561, quando Justiniano e emissários de Cosroes chegaram a um acordo sobre uma paz de 50 anos. Em meados dos anos 550s, Justiniano teve vitórias na maioria dos teatros de operação, com a notável exceção dos Bálcãs, que foram submetidos a repetidas incursões dos eslavos. Em 559, o império enfrentou uma grande invasão dos kutrigurs e sclaveni. Justiniano chamou Belisário de seu retiro e ele derrotou os novos hunos. O reforço das frotas do Danúbio causou a retirada dos kutrigurs e eles concordaram em um tratado que permitiu a passagem segura para o outro lado do Danúbio.

Após Justiniano morrer em 565, seu sucessor, Justino II se recusou a pagar o grande tributo para os persas. Enquanto isso, os lombardos invadiram a península Itálica; até o final do século, apenas um terço da Itália estava nas mãos dos bizantinos. O sucessor de Justino II, Tibério II, escolhendo entre seus inimigos, atribuiu subsídios aos ávaros ao tomar uma ação militar contra os persas. Embora o general de Tibério II, Maurício, tenha liderado uma campanha eficaz na fronteira oriental, os subsídios não conseguiram conter os ávaros. Eles capturaram nos Bálcãs a fortaleza de Sirmium em 582 d.C., enquanto os eslavos começaram a fazer incursões sobre o Danúbio. Maurício, que sucedeu Teodósio, interveio em uma guerra civil persa colocando o legítimo Cosroes II de volta ao trono e casou sua filha com ele. O tratado de Maurício com seu genro trouxe um novo status territorial para o leste, alargando as fronteiras a uma extensão nunca antes alcançada pelo império em sua história além de ser muito barato defender as fronteiras durante esta nova paz perpétua – milhões de soldos foram economizados pela remissão de tributo aos persas. Após esta vitória sob a fronteira oriental, Maurício era livre para se concentrar nos Bálcãs e por 602 após uma série de campanhas bem sucedidas ele empurrou os ávaros e eslavos de volta sobre o Danúbio.

A partir de 649, os árabes começaram a fazer ataques navais contra o império chegando a controlar Chipre. Os árabes, já firmemente controlando a Síria e o Levante, enviaram frequentes incursões às profundezas da Anatólia, e entre 674 e 678 fizeram um cerco a Constantinopla. A frota árabe foi firmemente repelida através do uso do fogo grego, e uma trégua de trinta anos, foi assinada entre o império bizantino e o califado omíada. As incursões da Anatólia permaneceram inabaladas, e acelerou o fim da cultura urbana clássica, com os habitantes de muitas cidades, quer refortificando áreas muito menores no interior das muralhas da cidade velha, ou se mudando totalmente as fortalezas próximas. Constantinopla caiu consideravelmente em tamanho, de 500.000 habitantes a apenas 40.000-70.000, como a cidade perdeu o embarque livre de grãos em 618 após a derrota do Egito para os persas (a província foi recuperada em 629, mas foi perdida para os invasores árabes em 642). O vazio deixado pelo desaparecimento das velhas instituições cívicas semi-autônomas foi preenchido pelo sistema de themas, o que implicou a divisão da Anatólia em "províncias" ocupadas por exércitos distintos, que assumiram a autoridade civil e responderam diretamente ao governo imperial. Este sistema pode ter tido suas raízes em determinadas medidas pontuais adotadas por Heráclio, mas ao longo do século VII se transformaram em um sistema totalmente novo de governo imperial.

A retirada de um grande número de tropas dos Bálcãs para combater os persas e os árabes no Oriente abriu as portas para a expansão gradual dos povos eslavos do sul para a península e, como na Anatólia, muitas cidades caíram para pequenos povoados fortificados.[72] Nos anos 670s, os búlgaros foram empurrados do sul do Danúbio com a chegada dos cazares, e em 680 forças bizantinas que tinham sido enviadas para dispersar esses novos assentamentos foram derrotadas. No ano seguinte, Constantino IV assinou um tratado com o Khan búlgaro Asparukh, e o Império Búlgaro assumiu a soberania sobre certo número de tribos eslavas que, anteriormente, pelo menos nominalmente, reconheceram a soberania bizantina. Em 687-688, o imperador Justiniano II liderou uma expedição contra os eslavos e os búlgaros, obtendo ganhos significativos, embora o fato de que ele teve que lutar no seu caminha da Trácia a Macedônia demonstra o grau em que o poder bizantino na região norte dos Bálcãs havia diminuído.

A partir de 700 o Império Bizantino participou de várias guerras por território, mas sempre mantendo a integridade de sua capital, Constantinopla. Depois de muitos anos de guerras de expansão e defendendo suas fronteiras, em 1200 Constantinopla começou a ser seriamente ameaçada e o Império Bizantino deu seus primeiros sinais de enfraquecimento. O movimento cruzadista e a ascensão comercial das cidades italianas foram responsáveis pela desestruturação do Império. No século XIV, a expansão turco-otomana na região dos Bálcãs e da Ásia Menor reduziu o império à cidade de Constantinopla. Finalmente, em 1453, os turcos dominaram a cidade e deram o nome de Istambul, uma das principais cidades da Turquia.